

HERNANI CIDADE

---

# CAMÕES

CONFERÊNCIA FEITA NA FACULDADE DE  
LETRAS DO PORTO EM JUNHO DE 1924

---

Separata de A ÁGUIA, vol. V,  
— 3.<sup>a</sup> série. N.<sup>os</sup> 25-26-27 —  
Julho a Setembro de 1924

---

EMPRESA INDUSTRIAL GRÁFICA DO PORTO, L.da  
178 — RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE — 178

CALICO

Ao Ilmo Sr  
Doutor Guerra Veloso,

meu pai e querido

CAMÕES

meu pai e querido

2

Almeida



HERNANI CIDADE

---

# CAMÕES

CONFERÊNCIA FEITA NA FACULDADE DE  
LETRAS DO PORTO EM JUNHO DE 1924

---

Separata de A ÁGUIA, vol. V,  
— 3.<sup>a</sup> série. N.<sup>os</sup> 25-26-27 —  
Julho a Setembro de 1924

---

EMPRESA INDUSTRIAL GRÁFICA DO PORTO, L.da  
178 — RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE — 178



**A** FIRMOU Taine que o século XVI era o maior século da história. Bons fundamentos tinha para o dizer. Herdeiro, simultaneamente, das experiências morais, políticas e sociais da Idade Média e das criações espirituais dos tempos clássicos, êle semeou fartamente o sonho, o pensamento e a acção que animam e agitam a vida moderna. Nutriu de sua seiva os primeiros homens do nosso tipo moral e mental. As velhas e sempre insatisfeitas curiosidades intellectuais, applicou-as à devassa da natureza e à sondagem da alma. E as antigas, inexgotadas energias combativas, fê-las convergir numa acção que, irradiando em todos os sentidos, quási inteiramente desnudou o planeta dos mistérios que restringiam a fecunda actividade dos homens.

Ora, neste século todo alvoroçado na alegria das revelações, ¿qual seria a de eco mais retumbante?

Aquela a que mais estremeceesse a velha ambição da Europa — o descobrimento do Caminho Marítimo para a Índia. Êste caminho ligava as duas metades conhecidas do mundo, punha em comunicação de interesses e mutualidade de serviços duas civilizações e fazia alvorecer a era pacífica do trabalho que, nem por de nós próprios tão remota estar ainda, é menos o objectivo dum caminho então nfidamente rasgado.

Foram portugueses que descobriram aquela rota, como foram portugueses que pilotaram ou tripularam as velas audazes que andaram espancando para os polos as cerrações que cobriam o planeta. De sorte que, da actividade desperta da Europa, nós éramos a principal mola impulsora e até — está hoje provado — a mais fecunda intelligência directriz. ¡Cabe-nos assim o melhor quinhão da mais bela glória que ainda alegrou os homens!

Esta hora quinhentista deveria ser tão intensamente vivida e tão larga a comunhão de entusiasmo, que, embora não se propenda para misticismos sociológicos, há vontade de crer que era já rumorejar de oitavas todo êsse tumultuar de sangue e seria fatal resultante do determinismo colectivo a aparição do genial cantor.

Se houvesse necessidade de provar, com luxo de erudição, a mística hipótese, não faltariam nomes a invocar.

¿Não diz Durkheim que, num agrupamento de indivíduos em sociedade, as almas se exaltam num acréscimo de excitação que intensifica as correntes espirituais que as ligam? Sentimentos e ideias em contacto simpático, não se somam, antes, sendo homogêneos, se multiplicam, adquirindo potencial para os mais milagrosos dinamismos. Ê nesta verdade que se

funda a certeza de que as palavras *raça, pátria*, não são meros *flatus vocis*, mas realidades psicológicas autênticas, vivas. E sendo assim a pátria ¿ como não admitir que, no momento excepcional que Portugal viveu em quinhentos, fôsse o génio de Camões, pelo sub-consciente impulso do que nele havia de comum aos contemporâneos, a divina harpa desferindo para a eternidade o hino que todos interiormente escutavam?

Tudo isto, porém, como lhes disse, terá maior dose de misticismo sociológico do que de verdade científica. Não vale, pois, insistir; tanto mais que o conspecto e o relacionamento simples dos factos levam-nos por igual à certeza duma real colaboração da Pátria com o grande Épico para a realização da obra imortal. Ela não ofereceu apenas o assunto exaltador. Pelo estímulo e pelo exemplo dos que mais alta e clara expressão davam ao rumor colectivo, sugeriu o próprio desejo da criação genial. Como se depreende de Azurara, de Barros, de António Ferreira, a literatura portuguesa andava ao tempo como que grávida duma epopeia. Tudo parecia provocá-la, sentia-se-lhe a necessidade, não faltava quem a ensaiasse...

... quando surgiu Camões...

Ninguém melhor fadado para dar voz e ritmo à grande fala interior. Porque *ninguém foi maior português. Ninguém foi mais perfeito artista. Ninguém foi mais genial poeta.*

Eis o que iremos relembrar, neste dia a êle consagrado:

## I

*Ninguém foi mais português.*

¿ Já repararam na sua biografia? Eu já em público afirmei que, se quiséssemos criar para romance ou drama de tese uma personagem que fôsse uma alta e integral incarnação desta pátria, ela havia de ter os defeitos e as qualidades fundamentais do poeta.

Camões, *Trinca-Fortes*, inteligente, sentimental e impulsivo como a *raça*, esturdia nas vielas de Coimbra, ao mesmo tempo que assimila todo o saber do seu tempo. Atraído à Côrte, portuguêsmente se apaixona e verseja e joga o futuro e a vida por uma mulher. ¿ Por uma mulher? Um pouco portuguêsmente também — por mais duma mulher. Depois, toma-o o grande vento da aventura e vai, como a *raça*, à África, tirocinar para, como ela, ir à Índia. Como ela por lá batalhou, naufragou, amou, errou, sofreu — e como ela de lá voltou pobre, quasi esmolando, apenas rico duma glória que é o seu único tesouro — ! mas êste, como o da *raça*, inalienável e incomparável!

E se a sua biografia assim é ¿ como seria diferentemente a sua obra? No poema imortal, não falta exprimir uma só das grandes qualidades



dos portugueses. O heroísmo, todas as suas figuras o incarnam, mas nenhuma mais subjugadoramente o exprime que D. Nuno. Leonardo é o tipo, tão nosso conhecido, do impulsivismo amoroso. Veloso é o herói autêntico, humoristicamente aligeirado de fanfarrone simpática, porque moderada — traço igualmente lusitaníssimo. E nem é preciso referir-me à real fisionomia das personagens históricas. . .

Mais, porém, que esta pequena galeria de figuras, o espírito de proselitismo ardente e sonhador que anima o poema o revela um canto vibrado pela imensa voz colectiva.

Recordemos que, quando a face da terra ia transformar-se pelo esforço das actividades práticas, na véspera da constituição das Companhias estrangeiras que haviam de herdar e fazer prosperar pelo trabalho quasi tudo o que nós havíamos descoberto e conquistado, Camões sonha ainda subjugar *o torpe ismaelita cavaleiro, para do mundo a Deus dar parte grande*. Sendo, pelo cérebro, um autêntico homem do Renascimento — lembremos, do seu poema, as omnímodas curiosidades da natureza, da sua lírica a análise e as revelações da alma — Camões é, pelo coração, um medieval. ; Como êle exalta, em D. Magriço, a cavalaria batalhadora e católica! ; Como se exaspera que a Europa lhe não continue as tradições, atirando-se bravamente aos mouros! ; Lembra-se do Canto VII? Nele increpa os alemães, os ingleses e os franceses pelo pecado de dispender na esterilidade das lutas de ambição ou em criminosas delícias a energia necessária para *libertar de cães a divina sepultura*. E a própria fala do *Velho do Restêlo* não exprime apenas o protesto dos receosos de toda a aventura; traduz igualmente o clamor dos que pretendiam norteá-la pelo ideal cavalheiresco da hegemonia do mundo por Cristo, para a dignificar e lhe ganhar protecção divina.

¿Reparam? O poema foi escrito quando a Pátria, exausta do êxodo de tanta gente que, se por lá se não ficava para sempre, voltava no fausto improdutivo ou na miséria mendiga, começava a olhar a Índia como uma trágica ilusão. É a hora que enche de melancolia a musa de Sá de Miranda, a hora escurecida pela *apagada e vil tristeza*, a que se refere o Épico. . .

Pois o remédio que se antolha eficaz, a alguns dos raros que a solução do problema nacional preocupa, é a arremetida cavalheiresca até à África, é a acção militar e apostólica — *a cruzada medieval*. Aqui D. Sebastião tem a solidariedade de Camões. O rei nada mais fez que tentar realizar o programa político do poeta. E a Pátria, que a ambos exaltou à immortalidade da glória, bem mostra que os sentiu, mais que nenhuns outros, da sua carne e do seu sangue.

## II

Camões, porém, foi a voz mais expressiva da colectividade, não apenas por ter sido um grande português, *mas também um extraordinário artista*

É atentar em alguns dos aspectos da sua forma. E quanto, em primeiro lugar, ao verso:

O verso camoneano é, por vezes, duro, incidentado de hiperbatons, construções sintáticas arrevesadas, à maneira latina. Todavia, notemos que isto não é um defeito, naquele tempo em que a mesma prosa nem sempre é fluente. O número dos leitores era limitadíssimo e êste por demais habituado à leitura da poesia clássica para que estranhasse na portuguesa tais arabescos. Mas Camões soube, como ninguém melhor no seu tempo e ninguém melhor depois dele, moldar o verso quando a emoção poética o tomava e não versejava apenas para *ligar* ou *continuar*. Há versos nos *Lusíadas* que são amplos e morosos, acompanhando o movimento grave da ideia—rainha de cauda deambulando em nave de catedral gótica. Exemplo:

As armas e os barões assinalados  
que, da ocidental praia lusitana,  
por mares nunca dantes navegados,  
passaram inda além da Taprobana...

Não preciso de citar mais. Todos sabem que é êste o nobre movimento rítmico dos trechos mais conhecidos do poeta. Soube, como ninguém melhor, pôr em relêvo as virtudes expressivas do admirável metro decassílabo, ao mesmo tempo mesurado e vivo — um corte de seis sílabas, lento como o deslisar da vaga, seguido de um corte de quatro, rápido como o recuo da ressaca — de onde mais viva a impressão de vago marulhamento oceânico, monótono e solene, que se desprende do poema...

Outros versos existem duma grande expressividade onomatopaica, como todos os descritivos de batalhas, como os famosos, fortes decassílabos do episódio do Adamastor:

Tão temerosa vinha e carregada,  
que pôs nos corações um grande medo;  
bramindo o negro mar de longe brada  
como se desse em vão nalgum rochedo...

E a conhecida oitava:

Não acabava quando uma figura  
se nos mostra no ar, robusta e válida,  
de disforme e grandíssima estatura,  
o rosto carregado, a barba esquálida,  
os olhos encovados e a postura  
medonha e má e a côr terrena e pálida...

Cumprer reparar na fôrça expressiva das rimas, *figura, estatura, postura*, alternando com *válida, esquálida, pálida*, estas últimas palavras de som claro e forte, significando o que no gigante havia de desmesurado e musculoso, as primeiras de som como escurecido, vivamente sugestivas do que nele havia de soturno e lúgubre.

Comparemos estas oitavas, onde há ecos de tempestade e ressoam os protestos dos elementos, com êste magoado acento, tão diferente, do titã enamorado:

Ó Ninfa a mais formosa do Oceano,  
já que minha presença não te agrada,  
que te custava ter-me neste engano,  
ou fôsse monte, nuvem, sonho ou nada...

O último verso, sobretudo, pela ideia que exprime — gradual renúncia à existência mesmo material, — e ainda pela brandura dos sons predominantes — *f s m n nh* e quanto a vogais — *ô u em ô e* mudo, *a* fechado, basta a revelar o artista, senhor dos mais subtis recursos expressivos.

Não sobra, porém, tempo para continuar tal análise. E assim consideremos outro aspecto mais importante do poema — a sua fisionomia clássica.

Não ignoram os senhores que já houve quem mal-dissesse da erudição clássica de Camões, porque ela emplastrava de caliça arqueológica um poema que deveria ser nacional de corpo e alma. O poeta — chegou mesmo a afirmar-se êste paradoxo — não teria escrito o poema em latim, porque não conhecia suficientemente a língua de Vergílio.

Há nestes reparos uma injustiça tão grande, pelo menos, como o erro de tal interpretação da verdadeira essência do classicismo. Julga-se que êle consiste predominantemente, senão exclusivamente, no faustoso aparato da mitologia pagã. E porque nós, povo de tradições cristãs, não sentimos, quando mesmo pormenorizadamente conheçamos, essa mitologia, acusa-se o poeta de resfriar, com o cisco dos museus, a chama viva da emoção que o inspira.

Confessemos que tal acusação, que se estende a toda a literatura dos séculos XVI, XVII e XVIII, têm uma parte de verdade — e Camões a exemplifica. Há passos da sua obra em que o excesso de erudição mitológica é prejudicial. São aqueles em que precisamos de recorrer ao respectivo dicionário, para os compreender.

Lembremos o bizarro paradoxo de pôr nos lábios pretos do rei de Melinde versos decorativos como:

Conta, que agora vem c'os aureos freios  
os cavalos que o carro marchetado  
do novo sol da fria Aurora trazem...

¿E que dizer desta dura oitava, quasi apenas enunciado de epígrafes clássicas, segundo o gosto do tempo?

Imaginaí tamanhas aventuras  
quais Euristeo a Alcides inventava,  
o lião Cleoneo, Harpias duras,  
o porco de Erimanto, a hidra brava  
descer, em fim, às sombras vans e escuras  
onde os campos de Dite a Estige lava,  
porque a maior perigo, a maior afronta  
por vós, ó Rei, o espírito e carne é pronta.

E ainda mesmo aquela outra do episódio de Inês de Castro, tão bela entretanto (Desconte-se ao poeta, entre parêntesis, o 5.º verso que é pena ser de Petrarca):

Qual contra a linda moça Policena,  
consolação extrema de mãe velha,  
porque a sombra de Aquiles a condena  
c'o ferro o duro Pirro se aparelha;  
mas ela os olhos com que o ar serena  
— bem como paciente e mansa ovelha —  
na mísera mãe postos que endoudece  
ao duro sacrificio se oferece...

É pena — não é verdade? — que, no instante de mais intensa emoção lírica desta formosíssima peça poética, tenhamos que folhear o dicionário, à cata das biografias da linda moça Policena e do duro Pirro, ou que, mesmo conhecendo-as, uma lembrança erudita venha desviar, esfriando-a, a atenção que só a linda Inês devia comover.

O metáforismo mitológico foi, de facto, exageradamente empregado. Os nossos clássicos, em vez de se contentarem com as formosas criações míticas, como era, por exemplo—Vénus, idealização da beleza plástica e sensual; Apolo—o Sol e a Arte, a própria alegria e esplendor da vida; as ninfas, os sátiros, nereidas—personificações das formas, dos ritmos, dos movimentos sensuais que os nossos olhos, em momentos epicuristas, surpreendem nos jogos de luz e sombra da floresta, no espreguiçamento voluptuoso das ondas do mar, em certos recantos de amenidade e frescura das fontes e dos rios, os nossos clássicos, dizia eu, esmiuçaram, por uma erudição que bem poderia confinar-se a filólogos, os mais insignificantes pormenores biográficos dos deuses, as mínimas particularidades da sua acção e teatro dela — e procuraram estadear todo êsse luxo na obra poética.

Entanto... êles não previam a vinda de gerações que, na literatura e na arte, procurariam, em vez do gôso intelectualista de *saber*, de *recordar*, e *confrontar*, exercendo a *memória* e a *inteligência*, só os finos prazeres da *sensibilidade* e os fortes, dolorosos choques da *emoção* e do *sentimento*...

Todavia, a arte clássica não é apenas êsse luxo exterior, essa técnica metafórica. É alguma coisa de mais importante.

E, antes de mais, é a própria dignificação da poesia, a sua destinação aos graves temas que o cancionero de Rezende não conhece. ¿Já repararam que, através da colectânea do moço de escrevaninha de D. João II, mal se adivinham as grandes horas históricas que atravessávamos? Apenas o lado anedótico e risonho lá aparece, nas intrigas rimadas com que se carteia para o Ultramar ou de lá para cá.

¿De onde vem a sugestão de transformar a poesia — entretenimento de palacianos desocupados entre os quatrocentistas — em expressão eternizadora das comoções duma hora tão profundamente vivida?

Veio dos exemplos de Homero, de Vergílio, entre outros. Foram êles que ensinaram a exaltar o heroísmo que dignifica a pátria. E se a sua imitação

levou a mascarar desta a verdadeira e originária fisionomia, não foi senão para, com novos orgulhos e motivos, mais subidamente a amar.

Mas, além disso, a arte clássica é esta coisa saudável, ao mesmo tempo que fecunda em criações de beleza: a idealização do que na vida há — e havia então mais do que hoje — de equilíbrio e formosura apolínea. E, ainda, é, de qualquer realidade, a expressão ordenada, proporcionada e nobre, grata sempre aos sentidos e grata ainda hoje ao espírito, em suas horas de mais elegante e sãia atitude.

Ora estas qualidades ninguém entre nós as assimilou como Camões. Vejamo-lo:

Mas, primeiro, quanto à idealização da beleza da vida, cumpre dizer-lhes que Boileau não deixava de ter razão ao afirmar que há no maravilhoso pagão uma risonha e graciosa formosura que na gravidade do Cristianismo em geral se não encontra. Quando os artistas do Renascimento quiseram dourar a arte cristã do grato esplendor formal, paganizaram-na primeiro. Não lho levemos a mal, seja qual for a nossa atitude religiosa. Dêsse *desvio*, se o é, vieram-nos maravilhas que serão o perpétuo encanto de humanidade.

Reatando, porém:

Camões deve ao paganismo a inspiração, por exemplo, do quadro da *Ilha dos Amores*, vibrante de cor, quente de sol meridiano, simbolizando todos os beijos com que a Glória premeia os magníficos esforços do heroísmo. À mesma inspiração se devem certos outros quadros que são frisos do Partenon, pois com a mesma graça helénica o poeta os... descreveu... Ia dizer — os *esculpiu*, tanto em plástico relêvo as figuras ostentam sua académica e esplêndida formosura.

É natural que tão complacentemente Camões se inspirasse nas visões pagãs dos escritores clássicos.

Bem que duma profunda gravidade de atitude em face da Pátria, de Deus, da Dor, da Natureza trágica, êle é um voluptuoso da cor, da forma, do som, tem em permanente alerta para os encantos exteriores os sentidos delicados mas gulosos. É reparar na descrição da chegada a Melinde.

Viam-se em derredor ferver as praias  
da gente que a ver só concorre leda;  
luzem da fina púrpura as cabaias,  
lustram os panos da tecida seda;  
em lugar de guerreiras azagaias  
e do arco que os cornos arremeda  
da lua, trazem ramos de palmeira,  
dos que vencem, coroa verdadeira.

Um batel grande e largo, que toldado  
vinha de sedas de diversas cores  
traz o rei de Melinde, acompanhado  
de nobres de seu Reino e de senhores.  
Vem de ricos vestidos adornado,  
segundo seus costumes e primores,  
na cabeça uma fita guarnecida  
de ouro e de seda e de algodão tecida.

E segue desta arte a descrição, por mais cinco estâncias, denunciando em Camões, mais que o desejo da exactidão realista, o seu gôsto de voluptuoso da côr —

A vária côr que os olhos alegrava —

como do som, do movimento, de quanto seja festa para os sentidos:

Sonorosas trombetas incitavam  
os ânimos alegres ressonando;  
dos mouros os batéis o mar coalhavam,  
os toldos pelas águas arrojando;  
as trombetas horríssonas bramavam,  
com as nuvens de fumo o Sol tomando;  
ameúdam-se os brados acendidos,  
tapam com as mãos os mouros os ouvidos.

Acentuemos, todavia, que êste sensualismo é apenas um dos modos duma vibratilidade infinita para todas as impressões do exterior. Surpreende e exprime as sensações mais ou menos gratas, com a mesma acuidade com que surpreende e exprime as sensações violentas — e eu não conheço descrições mais movimentadas que a da batalha de Aljubarrota e a da tempestade no Mar Índico, por exemplo, que lhes peço releiam, no primeiro ensejo.

Isto, pelo que respeita à idealização da beleza formal da vida.

Agora, algumas palavras sôbre a maneira como o poeta assimilou a nobreza, a boa ordenação, o equilíbrio perfeito, a sábia e proporcionada medida da composição clássica:

É reparar, antes de mais, na nobre arquitetura do poema e recordar o que se sabe relativamente ao modo como toda a história nacional é entrelaçada em tórno da acção dele — o descobrimento do Caminho Marítimo para a Índia. A distribuição da matéria pelos cantos denuncia uma bela inteligência ordenadora e expositiva — estruturalmente clássica, dir-se-ia.

Concretizando, num rápido exemplo:

No fim do Canto II, descreve-se a chegada da armada a Melinde. O Gama, bem recebido, conta ao rei a história do seu povo acrescentada da sua própria viagem. E são três cantos de narrativa que se distribui com a melhor lógica: dois para a história e um para a viagem — facto nuclear do poema; e a história vai no primeiro canto até ao fim da expansão e primeira organização territorial, seguindo no imediato a expansão marítima que prefacia o grande século de quinhentos.

De Melinde, o Gama segue directamente para Calecut. A viagem, naturalmente, não se fez num salto. Consagra-lhe Camões, portanto, o canto VI, em que a imaginação supre à história, com superior vantagem da beleza.

O poeta, depois de fantasiar e pintar, com a formosa imaginação e a perfeita realização dum *grego*, o quadro do concílio dos deuses marinhos, solidários com Baco, põe na bôca de Veloso aquele perfeito romance *arturiano* que é o episódio de D. Magriço, e descreve, pelo modo impressionante dum *realista moderno*, a colérica tempestade que assalta a armada.

É preciso dizer que êste gôsto da lógica discursiva chega por vezes a dar à poesia do tempo características de prosa rimada — e dela há exemplos nos *Lusiadas*, onde é exposta a história, aqui e àlém, na quási dureza de esquemas de compêndio, insusceptíveis de outros ornamentos retóricos que não sejam precisamente a nervosa brevidade da narrativa e uma ou outra reminiscência clássica — mármore de museu num caminho recto e árido, que é preciso percorrer à pressa.

Mas lembramos — para relevar a Camões tais excessos de razão ordenadora — o defeito oposto dos nossos contemporâneos, em cuja obra poética o domínio da emoção e da sensibilidade chega a provocar, pela absoluta ausência de espírito lógico, a efusão delirante e destrambelhada, pesadêlo de imagens indistintas, nebulosa onde nem sequer se lobrigam esboços de estrêlas...

O que eu digo da estrutura geral do poema, posso dizer, *mutatis mutandis*, de cada um dos seus episódios. Recordem, por exemplo, o da *Morte de Inês de Castro* e o do *Adamastor*, modelos de boa e impressiva exposição, onde a compostura clássica, triunfando de certos excessos retóricos, fora de moda, põe o vigor emotivo compatível com a clara graça intelectual. A igual conclusão se chegaria lendo aqui, se houvesse tempo, qualquer das falas mais conhecidas — a de D. Maria a D. Afonso IV, a de Vénus a Júpiter, a de Nuno Álvares etc. São belos e nobres discursos, lembrando os mais formosos de Tito Lívio, duma perfeita composição, dum forte poder *persuasivo*, dando grato calor de comoção ao sentimento, mas sem negar sua parte de prazer estético à razão e à inteligência, que os antigos leitores se empenhavam — e muito bem — por que não ficassem a dormir, esquécidos...

### III

Tudo isto, porém, mostra que o poeta possuía maravilhosos sentidos, os sentidos que devem dotar o *artista*, isto é, aquele que surpreende, fixando-a em formas voluptuosas, a graça que se desprende, aqui e àlém, da superfície da natureza e da vida. Ora, o que mais importa é afirmar que êle tinha alma eleita e rara, *alma genial de poeta*, no mais alto e compreensivo sentido do termo.

E ninguém a teve maior. A intensidade do seu sentimento patriótico estremece o poema de princípio ao fim. Porventura, mais que em passo

algum, na fala de D. Nuno. Há sobretudo um facto que lhe dá uma exaltação de orgulho que se transmite — e é a certeza de que o seu poema se superioriza a todos pela grande *verdade* das maravilhas de heroísmo que canta:

Ouvi, que não vereis com vãs façanhas  
fantásticas, fingidas, mentirosas,  
louvar os vossos, como nas estranhas  
musas, de engrandecer-se desejosas.  
As verdadeiras vossas são tamanhas  
que excedem as sonhadas, fabulosas...

Ou ainda:

Além disso, o que a tudo enfim me obriga  
é não poder mentir no que disser;  
porque de feitos tais, por mais que diga,  
mais me há de ficar inda por dizer.

Esse sentimento é vivo. Tão vivo que até dá a impressão de que flutua. O poema canta o descobrimento do caminho marítimo para a Índia; e, entanto, a voz Velho do Restelo, condenando-o, clamora maldições eloquentes, que não têm resposta.

¿Contradição?—Mas verdadeiro estado moral daquele momento histórico. Adivinha-se quanta hesitação haveria no juízo dos homens duma época em que a aventura marítima ainda exaltava o orgulho, mas já preparava as futuras humilhações...

Depois, tudo aquilo é intensamente vivido. Há momentos dionisiacos de fé patriótica a-par de momentos depressivos de doloroso pessimismo. Mais duma vez, no final dum canto, o poeta nos diz de si; e todas essas notas pessoais são repassadas da funda melancolia dos eleitos, para quem o génio é uma condenação à fome e desprezo em vida... desconto que nós fazemos à glória póstuma com que lhes pagamos...

Ouçam primeiro esta censura altiva, uma amostra das muitas reveladoras da inflexibilidade da sua justiça, tão acima da baixa lisonja do tempo:

Aqui tens companheiro, assim nos feitos  
como no galardão, injusto e duro;  
em ti e nele veremos altos peitos,  
a baixo estado vir, humilde e escuro,  
morrer nos hospitais em pobres leitos  
os que ao Rei e à lei servem de muro.  
Isto fazem os Reis cuja vontade  
manda mais que a justiça e que a verdade.



Mas é mais fundamente pessoal esta queixa amarga:

Vão os anos descendo e já do estio  
há pouco que passar até o outono,  
a fortuna me faz o engenho frio,  
do qual já não me jacto nem me abono;  
os desgostos me vão levando ao rio  
do negro esquecimento e eterno sono:  
mas tu me dá que cumpra, ó grão Rainha  
das Musas, c'o que quero à nação minha.

Nada, porém, mais revelador do drama moral dum poeta que construíra, na miséria e no abandono, a glória da pátria, do que aquela oitava angustiosa:

Não mais, musa, não mais, que a lira tenho  
destemperada e a voz enrouquecida  
e não do canto, mas de ver que venho  
cantar a gente surda e endurecida.  
O favor com que mais se acende o engenho  
não no dá a pátria, não, que está metida  
no gôsto da cubiça e na rudeza  
duma austera, apagada e vil tristeza.

O génio, porém, implica mais alguma coisa do que esta intensidade de vida espiritual. Só o atribuímos às almas que ardem de modo a rasgar de inextinguível clarão a bruma que nos envolve.

Ora, a figura do Adamastor é uma criação genial. ¡Que riqueza de símbolos encerra!

¿O gigante formidável, transfiguração do Cabo das Tormentas, depois chamado da Boa Esperança, não se sente que é como que o amontoamento de todas as trágicas sombras que a audácia lusitana foi espancando Atlântico fora; a resistência da natureza às heróicas curiosidades dos homens e ainda a vingança que ela tira sempre dos esforços com que pretendemos sobre-humanizarmo-nos? ¿E o episódio amoroso que êle conta não parece exprimir a fundamental identidade entre o homem e essa mesma natureza, a simpática difusão lírica da nossa alma, a tocar de ternura humana a própria inimizade das coisas?

É, de qualquer modo que o interpretemos, uma figura de relêvo mítico. Só por um genial esforço se condensa de tal arte a multiplicidade na unidade. O gesto que afronta o gigante retesam-no todas as seculares e teimosas energias da raça que devassou os oceanos; no clamor da sua voz rugem as violências de todas as tempestades. ¡Se um dia fôsse impossível à memória fixar todos os factos da grande epopeia dos descobrimentos, êste episódio camoneano poderia ser, como o de Prometeu, um relâmpago iluminando todo um maravilhoso panorama da história!

Para terminar: Como os senhores sentem, tudo isto é vivido, ou

com a alma ao contacto da realidade profunda — onda mais alta do mesmo oceano — ou com a alma erguendo-se, protestando, contra a contingência, sua infinita ânsia de eternidade.

De qualquer modo, Camões comunica com a posteridade. Mais — êle estreita a comunhão desta com o passado — a comunhão duma infinita legião de almas nos mesmos entusiasmos, cóleras, dôres a que só se pode dar expressão eternizadora tendo-os fundamente vivido, como êle os viveu.

E porque assim foi, porque viveu com profundidade e intensidade de todo o seu ser, é que êle realizou o grande milagre que é, para Guyau, a finalidade da arte: — criou, para lá das contingências de tempo e espaço, aquela sociabilidade espiritual, no seio da qual o heroísmo de D. Nuno, a lealdade de Egas Moniz, as saúdades namoradas e maternas angústias da linda Inês sentirão sempre suave calor de companhia comovida.

Esta sociabilidade é a projecção da vida espiritual da Pátria num azul imaculado. Imensa e aconchegadora a bênção dêste génio, que para sempre nos congregará, numa unidade moral que os ódios, sejam quais forem, não poderão retalhar!